

PASSADO E FUTURO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

VAMIREH CHACON

da Universidade de Brasília.

A Historiografia, sobre o Brasil, já dispõe de um Passado merecedor de atenção. Sua análise significa a auto-crítica dos analistas deste Pretérito. José Honório Rodrigues iniciou-a e necessita de continuadores. Carlos Guilherme Mota prosseguiu, recentemente, o exercício, pelo que merece atenção especial (1).

Antes de mais nada, teria valido a pena remontar a algumas origens, procedimento ao que parece indispensável entre historiadores. ..

Por exemplo: existem duas linhas fundamentais na Historiografia brasileira, o que não deve ser ignorado, enquanto ponto de partida de raciocínio. Uma, vinda de Varnhagen: a dos historiadores áulicos de efemérides, protagonizada pelos heróis brancos. Trata-se da tradição continuada por Hélio Viana, Pedro Calmon e inúmeros sebastianistas monárquicos. A outra: a dos historiadores sociais do Povo brasileiro, remontando a Capistrano de Abreu, tronco donde provem José Honório Rodrigues, Carlos Guilherme Mota e o autor destas linhas, entre vários mais, todos voltados para uma Historiografia estudando a Realidade olhada desde suas bases coletivas, quase anônimas. Historiografia das maneiras de Ser, Pensar e Fazer da nossa Sociedade, segundo a perspectiva de cada analista.

No referido esforço, os estrangeiros não estiveram ausentes, desde o início.

(1). — Comentário ao texto-base de Carlos Guilherme Mota, "A Historiografia Brasileira nos Últimos Quarenta Anos: Tentativa de Avaliação Crítica", Colóquio de História, Universidade de Brasília, outubro de 1974.

Southey é um protótipo disto. Em seguida, Handelman. Depois, os franceses, que tanto fizeram pela Universidade de São Paulo, e os que hoje se dedicam ao nosso País, ao lado de alguns decanos, como o britânico CR. Boxer ou o alemão Hermann Kellenbenz. E, no meio da atual luta pela renacionalização da Historiografia brasileira, evidentemente se tornam mais rigorosos os critérios de julgamento daqueles estrangeiros. O que não deve impedir o reconhecimento ainda de sua contribuição positiva, na qual se destacam Thomas Skidmore, o mais conhecido, e Stanley Stein, Richard Graham, Ralph delia Cava, Kenneth Maxwell, Dauril Alden, Robert M. Levin e, Richard Morse, Ronald Chilcote. Sem esquecermos Fernand Braudel ou Frédéric Mauro, com outro tanto de aportes, embora em níveis diversos.

Seria pior que exagero, uma injustiça, ignorar os estrangeiros, sem dúvida com motivações às vezes diversas das nossas, mas que nos estimulam, ou mesmo desafiam, cordial e/ou polemicamente. Afinal de contas, que papel não desempenharam, e ainda exercem, os críticos alemães de Hispanística? Cultura é Humanismo e nada do que é humano lhe pode ser estranho... A morte da Memória nacional, denunciada desde Franklin de Oliveira em rumoroso livro há alguns anos, precisa ver-se detida. O que só pode acontecer, todavia, quando se verificar que a amnésia se instala nos herdeiros, porem não em terceiros interessados no dote. ...

Esta seria uma das observações básicas, indispensáveis ao outrossim oportuno levantamento da Historiografia brasileira, por Carlos Guilherme Mota.

Outra poderia referir-se às potencialidades da Historiografia Quantitativa instrumental, sem quantitativismos pretendendo converter os meios em fins. E o caso da Cibernética, ou da própria Computação em grau menor, que urge estudos específicos da sua aplicabilidade extensiva na Historiografia, melhor qualitativa, quando muitos dados quantitativos estiverem esgotados.

Por outro lado, cumpriria distinguir as diversas linhas dentro dos estudos históricos no Brasil, entre elas a dialética (de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré) e a weberiana (de Viana Moog e Raimundo Faoro), aliás em tempo evocadas por Carlos Guilherme Mota. Apenas aproveitaríamos a oportunidade para sugerir mais justiça a Celso Furtado, diante doutros historiadores econômicos do Brasil, onde ele se destaca, sem favor, com sua objetividade técnica e exatidão metodológica.

Tambem conviria identificar — em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda — a linha culturalista, característica da tentativa de trazer tanto a Antropologia Cultural quanto a Filosofia da Cultura para uma colaboração íntima com a Historiografia.

Poderíamos ainda lembrar a importância da análise específica das Historiografias regionais, empreendida por José Antônio Gonsalves de Mello Neto, José Calazans, Luís Henrique Dias Tavares, Guihermino César. . . E as Historiografias limítrofes: a das Idéias (com Miguel Reale, João Camilo de Oliveira Torres, Ivan Lins, Luís Washington Vita, Antônio Paim, Machado Neto, Nelson Saldanha); a da Arte (com Clarival do Prado Valladares, Roberto Pontual, José Roberto Teixeira Leite); a da Ciência ou Ciências (desde Artur Hehl Neiva sobre Botânica, a Othon Leonardo acerca das Geociências, e Fernando de Azevedo tentando a esplêndida e pioneira coletânea, *As Ciências no Brasil*).

A integração, em vez da desconfiança alem de metodológica, da Historiografia Quantitativa e da Historiografia das Ciências com a Política, a Econômica, a Social e a das Idéias, é que servirá de passo adiante na direção de uma História da Cultura mais abrangente, Superando limitações recíprocas.

E, nesta nova fase, quando os Departamentos universitários de História passam a substituir os Institutos Históricos no esforço principal de empreender os estudos no ramo, torna-se indispensável aprofundar a respectiva problemática operacional de pesquisa.

Logo de saída, reconhecamos ter sido a Historiografia considerada, nos últimos tempos, a "irmã pobre" das Ciências Sociais... E irmã também marcada, quase perseguida, por tabús, preconceitos, mitos e discriminações diante dos seus temas. A tal ponto que quase só estrangeiros se têm sentido à vontade para analisar certos assuntos da História brasileira. Por exemplo: só mesmo um norte-americano (Kenneth Maxwell) poderia enfrentar a desmitificação de alguns ângulos da Inconfidência Mineira. ..

E, o pior: nossos arquivos (pelo menos pessoais) e bibliotecas (privadas) continuam rumando para o Exterior, compradas pelos preços que nossas instituições se recusam a adquirir-las (por falta de dinheiro e/ou boa vontade), apesar das proibições de exportação pela Lei Afonso Arinos. Para culminar, nos últimos tempos a pós-graduação tende a converter-se também numa moda, com a proliferação de Mestrados (e Doutoramentos em breve) em Ciências Sociais, pelos mesmos motivos da multiplicação, outrora, de idênticos Bacharelados: custos mais baixos de instalação, diante doutros, técnicos.

Só mediante rigorosa seleção dos professores e (por que não diz-lo?) dos alunos, serão viáveis Mestrados capazes de devolver, à Historiografia brasileira, o impulso perdido. Em certos casos, diante

da nossa insuficiência quantitativa/qualitativa de pessoal docente, cumpre aceitar a presença estrangeira, inclusive porque ela seria, no mínimo, necessária para um diálogo em termos internacionais, sem provincianices.

Eis, em poucas palavras, algumas meditações despertadas pelo oportuno levantamento da Historiografia brasileira por Carlos Guilherme Mota.